

OS EPITÁFIOS COMO EXPRESSÃO LITERÁRIA

José D'ENCARNAÇÃO
CEAUUCP — Universidade de Coimbra

Resumo: Partindo de um epitáfio romano que Jaime Siles analisou, de modo particular, do ponto de vista filológico, vamos à descoberta —atendendo à sua outra actividade, como poeta— de como a poesia, afinal, também sobrevive nos epitáfios romanos da Lusitânia Ocidental.

Palavras-chave: *Caeno, Arco, carmina epigraphica*, Lusitânia Ocidental.

Résumé: Jaime Siles a étudié, notamment du point de vue philologique, une épitaphe romaine de Zamora. Étant donnée son activité comme poète, cela a été le point de départ pour jeter un coup d'œil sur les épitaphes romaines métriques de la Lusitanie occidentale.

Mots-clé: *Caeno, Arco, carmina epigraphica*, Lusitanie Occidentale.

Se buscarmos na Internet ([http://es.wikipedia.org/wiki/J. Siles](http://es.wikipedia.org/wiki/J._Siles)) o nome de Jaime Siles, mais depressa nos surge o poeta que o investigador ou docente.

Dentre os mais de dois milhares de separatas que fui recebendo ao longo da minha vida académica, de J. Siles tenho apenas duas. A primeira é o estudo de uma estela funerária romana de Carbajales de Alba (Zamora). A segunda, uma evocação de Bruges, cidade que, na altura, muito o terá fascinado (Siles 2001). Duas separatas, a indicar dois rumos, a revelar duas 'personalidades' a que mui singelamente ora me apraz prestar homenagem.

1. A onomástica indígena

Já dada a conhecer, do ponto de vista epigráfico, por R. Martín Valls e G. Delibes de Castro em 1977, a estela de Carbajales de Alba documenta dois antropónimos pré-romanos, *Caeno* e *Arco*, sobre que J. Siles minuciosamente se debruça, não só fazendo-se eco do que os estudos de então apontavam como possíveis etimologias de ambos, mas também apresentando o panorama da sua distribuição na Península Ibérica.

De *Caeno* afirma que a sua base é «el indoeuropeo *ken- (= «brotar», «surgir»)), forma que pode reconhecer-se em vocábulos como o grego *kaivós*, que significa 'nuevo'; ou mesmo o latino *recens*, 'fresco'; palavras

passíveis de relacionar-se também com outras, de línguas mais antigas, como o galês *cein* ou o irlandês *cáin* (p. 36).

Quanto a *Arco*, «un representante típico de la antroponímia del área lusitano-gallega», dá conta de que os autores lhe apontam afinidades com uma raiz indo-europeia **rk-* (a letra r é representada com um pequeno o sob ela), que quererá dizer «osso» (p. 39).

Em conclusão, esses dois nomes constituem, em seu entender, «una prueba más de la presencia de elementos celtas en las zonas indoeuropeizadas de la Península» (p. 41).

Esta epígrafe foi, pois, para J. Siles um bom pretexto para mostrar como duma peça assaz modesta também podem tirar-se conclusões de âmbito filológico. E fê-lo muito bem, com os conhecimentos que então se tinham. Hoje, o livro de J. M. Abascal (1994) e, para o caso da Lusitânia, o *Atlas* elaborado por uma vasta equipa e que se publicou sob orientação de Milagros Navarro e J. L. Ramírez (2003) permitem conhecer melhor a distribuição geográfica dos antropónimos pelo espaço peninsular; também as reflexões de J. M. Vallejo (2005, sobretudo, neste caso, as suas páginas 619–624) e de F. Villar (2000), entre outros —que vêm, de resto, na sequência do que A. Tovar e M. L. Albertos eficazmente levaram a cabo—, permitem maior luz sobre todas estas intrincadas questões filológicas. E classifico-as de «intrincadas» porque acredito que há, de facto, uma linha fonética comum donde as várias línguas procederam e que esses sons iniciais tinham significados concretos. Já me é mais difícil aceitar o modo como, amiúde, esses sons vêm agora representados, numa tentativa de tentar saber-se como soariam na realidade. Afigura-se-me, porém, muito válida essa busca de paralelismos e todos os contributos para se ter uma panorâmica da distribuição geográfica dos vocábulos documentados, pois ajudam a compreender quais foram os estratos populacionais que os Romanos aqui vieram encontrar e donde é que eles poderiam ser originários.

J. Siles adoptou, pois, uma atitude de filólogo, uma vez que, depois de publicado, o texto da epígrafe foi incluído em AE 1977, 491. Se, todavia, tivesse também pensado como epigrafista, haveria discutido, por exemplo, se à estela faltariam as habituais fórmulas funerárias finais. O editor de AE assinala que o monumento está «mutilé en bas», mas não tira daí qualquer conclusão. Creio bem que poderia haver, pelo menos, uma linha mais. Embora a fotografia não seja explícita e permita concluir que nada mais há na linha 4, uma fórmula como H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) não seria despropositada, atendendo ao que é normal quando vem indicada a idade, tanto mais que o cardinal apenas está antecedido de sigla —A(*nnorum*)—, a denotar conhecimento das regras epigráficas; e, por outro lado, o ponto final na

referida linha 4, pode interpretar-se como indício de que o texto não terminava ali.

Registe-se, ainda, que AE aceita, sem comentários, a hipótese de interpretação (*filio* ou *servo*), que é descabida: primeiro, porque *Caeno* está em nominativo e não em dativo; segundo, porque a ausência do F —para indicar a filiação— é comum nos primórdios do século I, na Península Ibérica, não se podendo, por isso, apontar para uma relação de escravidão que, a existir, teria de vir expressa.

Também não me parece, quer pela paleografia, muito próxima da monumental quadrada (as letras têm 9 cm de altura, o O é bem circular, o R feito a partir do P, X bem simétricos...), quer pela simplicidade do texto, quer pela forma como o defunto vem identificado —um só nome, pré-romano, seguido do patronímico sem expressa indicação de filiação mediante F(*ilius*)— que deva datar-se o monumento «hacia los siglos II y III» (p. 36), mas sim da 1ª metade do século I da nossa era. Martín Valls e Delibes de Castro basearam-se no que então se conhecia; passaram, porém, mais de trinta anos e, hoje, com outros dados, já é possível sermos mais precisos.

Por conseguinte, como estudo exaustivo de uma epígrafe do ponto de vista filológico, essas páginas de J. Siles não podem ser menosprezadas.

2. A poesia em tempo de Romanos

É, porém, a poesia o seu outro «amor».

E não será descabido, pois, que se reitere a informação de que, no âmbito epigráfico romano, é a morte a fonte inspiradora por excelência da forma poética e que se aproveite o ensejo para dar conta, no quadro da Lusitânia Ocidental, de quatro epitáfios que assumem forma métrica. Não significa isso —como várias publicações documentam (Chevallier 1972, Mayer *et alii* 1998, Pallarès 2002)— que o reflexo da literatura, nas suas formas e até expressões (cf. IRCP, p. 839–840), se não tenha feito sentir.

2.1 O epitáfio de Juvêncio

O monumento epigráfico identificado por ocasião de obras na igreja de Couto de Baixo (Viseu), foi estudado por Cármen Soares (1992), no que concerne ao epitáfio métrico que ostenta numa das faces.

Na verdade, estamos perante um altar que, perpetuando a memória de *Clodia Compse* (AE 1992 942), serviu, depois, para nele ser gravado o seguinte texto:

[D(is) M(anibus)] s(acrum) / Iuventio / ann(or)um XLVIII Clau(dia) Cerontia / et Val(erius) Herenianus FFL p(i)entissimo / h(unc) t(itulum) f(ecerunt) /

vincitur hic fatus / salvum sub Tártara / nomem hic sedis hic terra / hic t[ib]ji eter[na do]mus

«Consagrado aos deuses Manes. A Juvêncio, de quarenta e oito anos. Cláudia Gerôncia e Valério Hereniano ao filho modelo de piedade fizeram esta inscrição:

“Vencido aqui, está, o Fado; salvo, sob o Tártaro, o teu nome. Aqui o túmulo, aqui a terra, aqui tens a tua eterna morada”».

Se, do ponto de vista ortográfico, nos chama a atenção o facto de FLL ser, mui verosimilmente, má interpretação, por parte do lapicida, da palavra FILIO que estaria por extenso na minuta em cursivo, assim como o lapso do *m* final (em vez de *n*) em *nomen*, a primeira correlação que me surge é com o bem sugestivo título que Gabriel Sanders deu a um dos seus textos mais significativos, em que explicita ser função do epitáfio gravado numa lápide «sauver le nom de l’oubli» (1989).

São os *carmina* uma produção original em cada caso ou circulariam modelos pontualmente adoptados? C. Soares opina que, no texto em apreço, não lhe «parece ter havido a influência de um poeta latino em especial, que se possa determinar com exactidão»: «Ele reflecte, sim, uma concepção de morte com raízes muito fundas na civilização romana e que alguns autores clássicos também abordaram» (p. 168).

«O destino foi vencido porque o teu nome, mesmo nas profundezas do Tártaro, continua a brilhar, imune ao esquecimento da morte» (p. 170).

2.2 O louvor a Nice

Numa ara procedente de *Pax Julia* (IRCP 270) se encontra o poema mais extenso, datável do século I, um *carmen* que «no responde a los tópicos que se repiten en este tipo de inscripciones sino que refleja de modo más personal [...] las creencias y las dudas, seguramente desde una condición servil, sobre la muerte y también sobre la vida», concluem M. J. Pena e J. Carbonell (2006).

Quisq(uis) praet[eris hic] / sitam viato[r postquam] / termine legeri[s mori] / me aetatis vicesim[o] / dolebis, etsi sensus er[it] / meae quietisque lasso / tibi dulcius precabor / vivas pluribus et diu [se]/nescas qua m[ihi non / l]jicu[it] fruare vita... / [t]e flere iuvat qui+ni+e+ / ++is ann · Inachus han[c] m[e/ri]to fac(it) i potius propera nam / [tu l]egis ipse legeris i Nice a(nnos) XX v(ixit)

«Viajero, quienquiera que seas que pasas ante mí, aquí enterrada, cuando hayas leído en esta piedra [de término] que he muerto en el vigésimo [año] de mi vida, me compadecerás, aunque percibirás mi descanso, y dulcemen-

te desearé para ti, que estás cansado, que vivas más [años] y que envejezcas más. Disfruta de la vida que a mi no me ha sido permitido [disfrutar]. (Me) complace que llores tu que... Ínaco hace mercedamente esta [piedra de término]. Vete; más bien apresúrate, pues tu que (me) lees, tu mismo serás leído; vete. Nice vivió veinte años.»

O adjetivo «interesante» que os autores quiseram incluir no título do seu artigo mostra bem a importância deste *carmen* dos vários pontos de vista em que pode ser abordado, inclusive do sociológico. Nesse aspecto, escrevem M. J. Pena e J. Carbonell que lhes «parece evidente que tanto *Inachus* como *Nice* son esclavos, lo cual también encajaría con las ideas epicúreas, ya que fue en ambientes serviles y militares donde tuvieron mayor aceptación». Tal circunstancia se lhes afigura que deve, pois, merecer «una cierta atención, puesto que, a pesar de la enorme abundancia de libertos entre los destinatarios de *carmina epigraphica*, no ocurre lo mismo con los esclavos» (p. 268).

2.3 Um itálico em *Myrtilis*

Coube a J. Corell (1988) o estudo do epitáfio identificado em Mértola (IRCP 98 = AE 1933, 24 = AE 1934, 22 = HEp 2, 1990, 756), datável, a meu ver, de finais do século II da nossa era:

L(ucio) Iulio Apto / Gallio patronus / Itala me genuit tellus Hispania textit / Lustris quinque fui sexta peremit hiemps / Ignotus cunctis hospesque hac sede iacebam / Omnia qui nobis hic dedit et tumulum

«A Lúcio Apto su patrono Galión. Itálica tierra me engendró, Hispania me ha dado sepultura. Viví cinco lustros, el sexto invierno me arrebató. En este sepulcro yacía, oh extranjero, desconocido de todos; mas quien me dio todas las cosas me ha erigido también este monumento» (Corell, p. 151).

«Consta —escreve Corell— de dos dísticos elegíacos prosódica y métricamente correctos».

E conclui: «El análisis, pues, de la composición nos revela a un autor erudito. Conoce a Marcial y, probablemente, a Virgilio. Certos detalles, como la *i* larga en *Itala*, la elisión en el pronombre *qui*, la métrica verbal, la aliteración *Itala... tellus... textit*, y la colocación de las palabras clave al inicio y al final de cada verso, confirman su erudición» (*ibidem*).

2.4 Um poeta didático e épico?

De um poema em hexâmetros dactílicos, temos apenas a sua parte final, exarada numa ara dos arredores de *Pax Iulia* (IRCP 293):

[...] / Mo[...]sfacida[...] / sidera mundivaga e[st] quae pro]/creat omnia tellus indo/mitasque cantavit in oppoda gentes

«(...) Os astros que vagueiam no Universo e os frutos mil que cria a terra-mãe e bem assim as gentes aguerridas tudo isso celebrou de terra em terra» (Magueijo 1970).

O epitáfio dum poeta que «de cidade em cidade, celebrara os errantes astros, as produções da terra e as virtudes guerreiras, quer dizer, um poeta didáctico e épico» (Magueijo, p. 116) ou, ainda, «un héros mythologique comme Orphée», pergunta que o editor de AE 1969–1970 229 deixa no ar.

O texto reveste-se de espontaneidade e de uma «notável fluidez rítmica, elegância, pormenores técnicos dignos de nota» (Magueijo), aspectos que bem se enquadram no elevado nível cultural que a epigrafia desta capital de *conventus* sobejamente documenta.

Conclusão: a poesia funerária, um tema de sempre!

Na verdade, gravadas na pedra ou lavradas nas páginas dos livros de papel, as mensagens poéticas reforçam ideias, transmitem beleza, ajudam-nos a ver com outros olhos a realidade circundante —esta, a terrena, e a outra, a da eternidade, independentemente da forma como cada um de nós a concebe.

O poema constitui, em todos os tempos, um eco d'alma! Na vida: beleza, amor, cumplicidades... Na morte: o desejo de, em palavras elegantes e frases buriladas, se suavizar a dor de uma saudade sentida...

BIBLIOGRAFIA

ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994), *Los Nombres Personales en las Incripciones Latinas de Hispania*, Múrcia.

AE = *L'Année Épigraphique*, Paris.

CHEVALLIER, R. (1972), *Épigraphie et Littérature à Rome*, Faenza.

CORELL VICENT, J. (1988), «El epitafio poetico de *L. Iulius Aptus* (Mértola, Portugal)», *Conimbriga* 27 141–151.

IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d' (1984), *Inscrições Romanas do conventus Pacensis*, Coimbra. [O número indica o número da inscrição no catálogo].

MAGUEIJO, C. (1970), «Uma inscrição métrica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Inventário E 6354)», *APIII série IV* 115–123.

MARTÍN VALLS, R. y DELIBES DE CASTRO, G. (1977), «Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora (IV)», *BSEAA* 43 293.

MAYER, M., MIRÓ, M. y VELAZA, J. (1998), *Litterae in Titulis (Elements per a l'Estudi de la Interacció entre Epigrafia i Literatura en el Món Romà)*, Edicions Universitat de Barcelona.

- NAVARRO CABALLERO, M. e RAMÍREZ SÁDABA, J. L. [coord.] (2003), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida — Bordéus.
- PENA, M. J. e CARBONELL, J. (2006), «Un interesante *carmen epigraphicum* de *Pax Iulia* (Portugal)», *RPA* 9/2 259–270.
- SANDERS, G. (1989), «Sauver le nom de l'oubli; le témoignage des CLE d'Afrique et aliunde», *L'Africa Romana* 6* 43–79.
- SILES, J. (1980), «Una nueva inscripción latina de Carbajales de Alba (Zamora), con nombres prerromanos», *Studia Zamorensia* I 35–42.
- SILES, J. (2001), «Brujas, un milagro de agua y luz», *Ronda Iberia*, Julho 2001, 84–90.
- SOARES, C. I. L. (1992), «*VINCITVR HIC FATVS* — O epitáfio métrico de Couto de Baixo», *Conimbriga* 31 155–172.
- PALLARÈS, J. G. (2002), *Poesia Epigráfica Llatina als Països Catalans — Edició i Comentari*, Barcelona.
- VALLEJO RUIZ, J. M. (2005), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria–Gasteiz.
- VILLAR, F. (2000), *Indoeuropeos y no Indoeuropeos en la Hispania prerromana*, Salamanca.